

# A transferência em psicanálise com crianças<sup>1</sup>

**Elisabeth Guarnier<sup>2</sup>, Porto Alegre**

A proposta é que eu possa desenvolver hoje, aqui, a questão da transferência na clínica psicanalítica com crianças. Essa questão, que já foi palco de muitos debates e controvérsias no meio psicanalítico, desde que Freud deixou seu legado, ou seja, seu modelo teórico e técnico de cura, que, hoje, costumamos chamar de “Psicanálise Clássica” de Freud. Isso porque, como sabemos muito bem, e os colegas da mesa de ontem à noite já trabalharam sobre isso, o método de Freud se apresenta como um método possível diante daqueles quadros que ele mesmo nomeou como as “neuroses de transferência”, a saber, as neuroses histéricas, as neuroses fóbicas e as neuroses obsessivas.

Todos esses quadros que falam de uma sintomatologia possível graças a uma estrutura psíquica já consolidada em sua forma mais complexa, um ponto de chegada, momento em que os conflitos aparecem relacionados à vivência edípica, os diferentes sistemas tópicos – inconsciente/pré-consciente/consciente – já estão não apenas fundados, mas também operantes em suas funções e relações entre si. Já é, então, possível contar com o recalçamento

---

1 Trabalho apresentado na II Jornada de Psicanálise com Crianças: “Singularidades da Técnica Psicanalítica na Clínica com Crianças”, em julho de 2024. Mesa 2: “Clínica com crianças: lugar de circulação de pais, transferências e o brincar”, organizado pelo Núcleo de Psicanálise com Crianças da Constructo Instituição Psicanalítica.

2 Psicanalista, sócia-fundadora, docente, supervisora e diretora de estágio e clínica social da Constructo Instituição Psicanalítica.

secundário e as defesas secundárias para garantir o equilíbrio psíquico, uma vez que alguma representação original, intolerável, avançando até o Ego pode ser deslocada para outra, que lhe servirá, assim, como substituta.

Falamos, aqui, desse modo, já não mais unicamente no recalçamento em si, mas também no que é da ordem do retorno do recalçado e da mobilização das defesas diante desse retorno. E é dentro desse contexto metapsicológico que Freud vai propor o fenômeno da transferência dentro de sua obra.

O termo, que faz referência a uma ideia de deslocamento, transporte, era já existente, mas, pode-se dizer, foi reinventado por Freud no momento em que ele o aborda em sua dimensão inconsciente e o situa como instrumento central do processo analítico.

Diante de sua importância como derivado do inconsciente, Freud responde com o conjunto de regras que compõem o seu método, estando elas a serviço do favorecimento do desenvolvimento da transferência para com o analista até o estabelecimento de uma neurose de transferência. A transferência é uma espécie de doença artificial que, uma vez presente no interior do espaço analítico, permitiria não só o acesso ao material recalçado, como, também, através de sua interpretação, o recordar e daí à cura.

Assim entendida, a transferência aparece ligada aos conceitos de resistência e de repetição: o sujeito, em vez de recordar, repete, sem saber que assim o faz. Ao mesmo tempo que é uma resistência poderosa às associações livres e recordações, ela acaba por revelar, no atual da relação como o analista, aquilo recalçado que não permite acesso à consciência.

Com base nisso, temos, aqui, uma constatação a ser feita: não só todas as patologias mais regressivas de adultos, não neuróticas, como as psicoses,

perversões e aquelas mais ligadas a um funcionamento narcísico, ficariam fora da possibilidade de abordagem pela psicanálise, mas também todas as manifestações sintomáticas não neuróticas da infância. Isso porque, em grande parte, seria impensável que a criança, estando ainda em seus tempos de constituição psíquica, pudesse produzir um fenômeno da ordem de uma neurose de transferência.

É possível encontrarmos, aqui, as razões pelas quais Anna Freud preconizou a impossibilidade do exercício da psicanálise com crianças: fiel aos preceitos da psicanálise clássica propostas pelo pai, ela propunha uma abordagem mais educativa e pedagógica para esses primeiros tempos.

Muito mais ousada, Melanie Klein tratou de propor uma construção teórica que, além de fazer regredir o Édipo ao primeiro ano de vida, propõe um inconsciente inato já habitado por fantasias – fantasias sujeitas a serem direcionadas e vividas na relação com o analista. Por conseguinte, havendo transferência e um inconsciente a ser interpretado, estariam garantidas as possibilidades analíticas nos tempos da infância.

O fato é que outros autores, desde então, não identificados com essa concepção kleiniana mais endogenista, inatista, trouxeram contribuições teóricas importantes que vêm nos permitindo vislumbrar melhor uma metapsicologia dos primeiros tempos; aqueles tempos que antecedem o Édipo e uma estruturação neurótica, o que ficou muito explícito já nos trabalhos de ontem à noite e que agora ganhou força com as contribuições da Rose. E, em relação ao nosso tema, isso é muito importante, porque só é possível apreender o fenômeno da transferência, entender sua natureza, sua característica, como se desenvolve, como se manifesta, fora das quatro linhas da neurose, se conhecermos o que há fora dessas quatro linhas. No caso, fora... e antes!

Uma coisa interessante é como ainda existem poucas bibliografias que tratem diretamente dessa questão, muito embora já tenhamos propostas teóricas que podem nos servir de apoio. Vou ir tentando, aqui, fazer algumas costuras. Mas, se faltam bibliografias, abundam transferências circulando no espaço analítico com crianças e quem trabalha com elas sabe!

É um entrecruzamento de transferências. É a transferência do pai, da mãe, da escola, da avó, do avô, da cuidadora, de outros profissionais da saúde que eventualmente também se ocupem da criança. Muitas vezes, o pai demanda uma coisa no tratamento do filho, a mãe demanda outra e a criança não demanda nenhuma das duas. A escola demanda uma medicação (o que ocorre muito nesses tempos de TDAH) ou um laudo diagnóstico quando claro está que nem o analista nem a criança demandam, e aí os pais também se aliam a essa ideia, ou o pai se alia e a mãe não.

Enfim, todas essas relações, bastante complexas, inevitavelmente circulam no espaço analítico, mas não irei me alongar a esse respeito, pois a Rose já se ocupou muito bem disso. Mas eu gostaria de compartilhar com vocês algo com que me deparei em uma bibliografia, uma consideração feita por Alba Flester (2012), psicanalista lacaniana que fala da chegada dos pais ao analista a partir de três vertentes transferenciais: a real, a simbólica e a imaginária.

A vertente simbólica, que seria o filé mignon do analista, corresponde ao filho ocupar um lugar de desejo dos pais. São aqueles pais que chegam com uma pergunta, um questionamento sobre o sentido do sintoma e do sofrimento do filho e, também, sobre sua implicação no que está se passando e que estão dispostos a se repensar.

A vertente imaginária é quando os pais chegam buscando alívio para a ferida narcísica, quando a criança ocupa um lugar narcísico: como vou

amar um filho se ele não atende às minhas expectativas, não responde aos meus ideais? “A minha filha não quer usar vestido nem o laço rosa que eu comprei para ela! Ela quer usar calça e vestido é muito mais bonito!” Ou, diz o pai: “meu filho não quer continuar jogando futebol. Quando eu era menino, eu queria jogar futebol e meu pai não me incentivou, e agora eu estou oferecendo para ele a escolinha de futebol e ele não quer!”

E, por fim, a vertente real, quando a criança ocupa um lugar de gozo. São pais que não chegam demandando, mas mandando: “eu quero que você o atenda uma vez por semana e tem de ser na segunda às três da tarde, que é quando tem alguém que possa trazê-lo. Nós viemos porque a escola e os professores não paravam de insistir. Ah! E tu vais ter que ir à escola...” “E vocês acham que o filho de vocês precisa?”, pergunta o analista. “Nós não, mas a escola insistiu! Mas aquela escola é complicada e a professora dele, este ano, é muito fraquinha!”

Não pensam sobre a criança no lugar de outro; ela está desubjetivada. São pais que terceirizam a criança para o analista, não querem se envolver com o processo. Eu achei isso muito interessante, porque é uma fotografia do que realmente circula na clínica com crianças. No primeiro caso, não há muito o que manejar inicialmente na transferência. O segundo e o terceiro casos nos demandam poder ir fugindo do lugar que nos colocam, pois, de fato, não é nosso papel como analistas. A arte está em conseguir transformar esta situação transferencial de chegada em um motivo de análise, a fim de que se possa inaugurar o espaço de análise em si. Enfim, toda essa realidade de circulação dos pais e suas transferências confere à clínica infantil especificidades muito singulares.

Bem, mas retornando à questão da transferência no trabalho com a criança: entendendo-se que ela possa se desenvolver quando seu psiquismo ainda

está em tempos de constituição, ou apresentando falhas, como ela se manifesta e como compreendê-la metapsicologicamente?

Em nosso auxílio, vou trazer fragmentos de três casos que me permitirão fazer costuras com contribuições teóricas que considero essenciais para a compreensão e o manejo do fenômeno.

O primeiro trata-se de Marco, um menino de 5 anos que chega ao consultório com um funcionamento psicótico. Embora já tenha adquirido a linguagem, esta se mostra desconexa, de modo que, como contexto, era ininteligível. Ecolalia. Repetia o mesmo discurso ininterruptamente enquanto, agitado, desatinado, andava em círculos pelo consultório. Pude constatar, porém, que o material discursivo se referia, de fato, a fragmentos de cenas vividas no seu dia-dia.

Sem cerimônia, baixando rapidamente as calças, algumas vezes fez cocô na sala, sem que me desse condições para que pudesse intervir ou levá-lo até o banheiro.

Ao fim de algum tempo e, para minha surpresa e desconcerto, Marco se atira sobre meu colo, aninhando-se nele e ali permanecendo, tal qual um bebê, numa cena silenciosa, com olhar fixo no meu. Situação que repetiu por longo tempo em seu tratamento, enquanto suspirava profundamente, puxava meu rosto a qualquer fração de tempo que lhe desviasse o olhar e, por vezes, com o mesmo sotaque alemão de seus pais dizia: “Dotorra querrida!”

Um novo momento tem início quando passa a intercalar momentos em que busca meu colo e olhar e outros em que me faz ameaças sobre fazer cocô na sala, visivelmente em uma atitude desafiadora. Em algum momento, tendo guardado desenhos com os quais havia me presenteado, recorro

a eles e lhe digo: “Cocô, Marco! Ah! Acho que tu não precisas fazer isso aqui, olha quantas outras coisas lindas tu também sabes fazer, olha quantos presentes lindos tu já me deste!” Situação que acabou por se desdobrar em um desinvestimento sobre seus cocôs e em um enorme e prazeroso investimento em suas produções “artísticas”.

A segunda situação que vou dividir com vocês é a de Lucas, que chega com pouco mais de quatro anos. Apresenta todas as manifestações próprias de um autismo, como o abano das mãozinhas e a recusa frente a minha busca de contato e de aproximação. Como pude verificar, tratava-se de um autismo secundário, uma vez que, até perto dos dois anos, tivera um desenvolvimento marcado por busca dos objetos de amor e circulação do pulsional.

Ao fim de um longo tempo de trabalho, durante o qual Lucas pôde ir se constituindo como sujeito, uma manifestação sintomática, entretanto, ainda permanecia, de forma inalterada, incompreensível e, portanto, inabordável. Tratava-se do que ele nomeava como os “oferecimentos assustados”: seu pânico e necessidade de fuga diante daquelas cenas de propagandas de televisão quando, repentinamente, vinha o anúncio: “oferecimento Sadia”, acompanhada da figura do peruzinho, ou “oferecimento das Casas Bahia”.

Um fato curioso se passa em uma determinada sessão: trabalhávamos calmamente com o Lego, na construção de algo, quando quebro o silêncio e falo, realmente em um tom alto de voz, sobre uma peça que estivera perdida: “Olha o que eu achei!”, Nesse momento, seu pânico e sua desorganização se reproduzem ali, no interior de seu espaço analítico.

O terceiro caso que vou compartilhar refere-se a uma menina, Maria, que chega a mim obrigada pelos pais. Tem oito anos e vem logo após uma tentativa psicoterápica anterior. De modo arrogante, desafiador e hostil, nega-se

a compartilhar comigo qualquer informação sobre si, movimentando-se sempre no sentido de estabelecer um “cabo de guerra” em nossa relação. Em algum momento, ofereço-lhe alguma hipótese de compreensão para o que se passava, interrogando-lhe se aquilo que eu havia pensado fazia sentido para ela, ao que me responde: “Pelo menos tu me pergunta se faz sentido para mim. Aquela outra filha da puta pensava que sabia mais de mim do que eu mesma!”

Alguns pensadores pós-freudianos, ao fazer uma releitura do texto de Freud, acabaram por resgatar a fecundidade de sua teoria das inscrições. Teoria que, embora nunca tenha sido abandonada, permaneceu, como considera Laplanche, “em estado de recalçamento”. Daí resultou que também a trabalharam, ampliando, assim, seus alcances e possibilidades, condição que se representa como chave no momento em que nos propomos abordar o fenômeno transferencial no interior destes três casos que hoje compartilho com vocês.

Trata-se de um modelo de aparelho psíquico de constituição histórica, por diferentes estatutos de memória e que se desdobram em vários tempos, desde o primeiro, que corresponde ao signo de percepção, evoluindo para um segundo registro, correspondente à representação-coisa, ao inconsciente, sem acesso à consciência, até um terceiro registro, que corresponde à representação-palavra – portanto, ao nosso Ego, ao consciente. A passagem de um estatuto para outro pressupõe sempre uma transcrição que, por sua vez, confere, vamos dizer assim, maior valor simbólico ao inscrito. De modo que um signo de percepção, não remetendo a nada, se não a si mesmo, tem apenas um valor de existência pontual. Sem enlaçar-se a outras representações, não poderá aceder ao sistema seguinte, não fará parte do conjunto das representações-coisa que serão fixadas ao inconsciente – o que corresponde, nas palavras de Silvia Bleichmar, ao nosso arquivo de

memória) – nem poderá ser transcrito à palavra que, representa, enfim, o nível mais simbólico de uma tradução.

Penso que nos encontramos, aqui, diante dos “oferecimentos assustados” de Lucas: um signo de percepção. Um longo e cuidadoso tempo foi necessário até que pudéssemos melhor abordá-lo, uma vez que este movimento lhe gerava grande sofrimento e desorganização. Junto a isso, passara, também, a responder com reações somáticas, como dores de barriga e diarreia.

Havia, em mim, uma hipótese, a partir de um relato feito pela avó do menino, ainda nos tempos da avaliação. Quando Lucas tinha em torno de ano e meio, passou a despertar a cada duas horas, chorando, pedindo mamadeira. Em algumas dessas ocasiões, o pai, perdendo o controle, respondeu com palmadas e gritos dirigidos ao filho. Refere a avó: “pobrezinho, só queria mamadeira e recebia gritos e tapas!” Uma cena em que o menino vive uma quebra abrupta de um estado de coisas, quando, em um susto, é pego de surpresa por outra, sem que estivesse preparado. A mesma cena aparece ativada quando na propaganda da televisão e ali, em transferência, comigo. Nas três cenas, a presença do “oferecimento assustado”.

Hora, então, valendo-me dos termos de Laplanche, de transformar transferência em pleno em transferência em oco, ou seja, transformar uma repetição, a que todos estamos destinados, em um produto psíquico simbolizado. Foi assim que, autorizada pelos pais, dei-lhe a conhecer os elementos reais vividos. Fomos, juntos, ligando-os ao que havia vivenciado ali comigo, bem como com as propagandas, dando absoluta prioridade à tradução dos afetos envolvidos, até o cessar do sintoma.

Tratava-se, portanto, de um elemento que ficara inscrito em seu psiquismo, seguindo Laplanche, a modos de uma intromissão. Traumaticamente instaurado, sem condições de ser transcrito, não pode ser fixado ao

inconsciente, ao mesmo tempo que, uma vez ativado, progride até o polo motor, no manifesto, sem, por isso, ser consciente. Pura descarga, como Silvia Bleichmar propõe pensar nesses casos em que algo da ordem do que chama de “arcaico”, presente no aparelho, avança sobre o Ego, quando seria necessário, então, qualificá-los através da construção de pontes simbólicas.

Com base nisso, podemos vislumbrar, então, a ideia de um aparelho aberto ao real, no qual não só o passado poderá agir sobre o presente, como também o presente poderá agir sobre o passado. Diz Laplanche que a situação analítica convoca o sexual, tendo o potencial de recolocar em jogo o originário na sua própria essência. Em suas próprias palavras: “Há experiências que são ulteriormente remodelados em função de experiências novas [...]”.

Volto, assim, a me encontrar com Marco e àquelas cenas que, em transferência, se desenrolavam no meu colo. Uma repetição destinada a reencontrar-se com marcas do que poderia ter vivido de forma insuficiente? De fato, meu corpo estivera sendo usado para um trabalho psíquico, um lugar de reabertura dos enigmas originários para que lhes fossem conferidos um novo sentido, uma eficácia psíquica.

Colo e olhar – o que, de fato, havia sido insuficiente. Tendo o filho nascido em um momento familiar com grandes problemas financeiros, com o pai desempregado, a mãe permanecera trabalhando desde o seu nascimento. Era governanta na casa de uma família. Sua patroa, embora tivera permitido à mãe levar o filho consigo para o trabalho, a impedia de envolver-se com ele de forma apropriada, de modo que, não podendo tê-lo em seu colo, limitava-se a alimentá-lo com mamadeira, sem mesmo retirá-lo do carrinho.

O que pode ir se armando psiquicamente, no decorrer do processo analítico

de Marco, dá conta do que Laplanche e Silvia Bleichmar apontam como “neogênese”, ou seja, a possibilidade de que, em transferência, possam surgir produtos psíquicos novos, inexistentes até então, assim como possibilitar a ocorrência de saltos estruturais. Os traços de constituição do Ego e do narcisismo de Marco dentro do espaço analítico, o que, por sua vez, lhe deram condições para fazer o recalçamento do pulsional autoerótico anal, apoiado, também, pela abertura de uma via colateral de investimento – suas obras artísticas –, dão conta de exemplificar isso.

Na verdade, trouxe o terceiro recorte de caso apenas como apoio para trazer uma última questão que envolve a transferência, que também me parece muito importante na clínica com crianças: a relação da transferência, em sua variante negativa, com a resistência. Certamente, a transferência negativa, como produto psíquico, pode – e deve – circular no espaço de análise, assim como, é bem verdade, ela pode desenvolver-se a partir de uma resistência frente ao recalçado.

Contudo, devemos observar, nem sempre é assim que se passa. Muitas vezes, especialmente em crianças com maior fragilidade psíquica, o que observamos é seu aparecimento como uma reação frente ao temor de um aniquilamento, uma desestruturação, tal como pudemos observar em Lucas diante do enfrentamento com seus “oferecimentos assustados”. Melhor, então, que, nesses casos, pudéssemos pensar em uma resiliência, assim como nas reações transferenciais de Maria, que, com uma mãe que a invadia de todos os modos e em todas as esferas possíveis de sua vida, tratava de salvar de um roubo, uma apropriação, a sua cabeça.

Digo isso porque, embora nosso lugar de sujeito-suposto-saber esteja, de fato, na base das possibilidades transferenciais, devemos, ao mesmo tempo, ir transformando esse lugar, de modo que o paciente, ainda que seja uma

criança, possa assumir um lugar ativo e teorizante diante de si e de seus próprios enigmas.

No meu entender, nossas intervenções – interpretações, ligações, construções – não devem ocorrer senão dentro de um contexto em que ele mesmo esteja implicado, tal um detetive, em desvendar seus próprios mistérios. Não sendo assim, ou teremos um paciente passivizado ou o veremos evoluir para uma reação terapêutica negativa, sem que tenhamos o direito de acusá-lo como resistente.

Enfim, são questões e recortes clínicos que me propus compartilhar com vocês, no dia de hoje, com o intuito de evidenciar já não somente a possibilidade de intervir psicanaliticamente com crianças em tempos anteriores à constituição do psiquismo e à consolidação da conflitiva edípica, mas também evidenciar que o fenômeno da transferência, com suas características singulares, por ali também irá circular. Nesses casos, não como efeitos derivados do secundariamente recalcado, mas como desprendimentos de inscrições não transcritas, traumatismos vividos, movimentos relacionados aos recalcamientos originários, bem como daqueles relacionados à constituição do narcisismo, dos ideais e do Ego.

Ao mesmo tempo, busquei tornar evidente, dentro desse contexto, o lugar privilegiado que o trabalho com a transferência pode ocupar, no sentido de propiciar neogêneses e saltos estruturais, o que, em última instância, significa ampliar os limites de analisabilidade e de cura.

Psicanálise com crianças é assim... Como disse Manoni, “a psicanálise com crianças é a psicanálise!” E nós, analistas, com elas viramos detetives: interpretamos, ligamos, construímos, procuramos verdades inexistentes, sustentamos transferências e contratransferências, rimos, brincamos, nos comovemos... e limpamos cocô!

De algum modo e por algum motivo, pensar sobre isso sempre me faz lembrar da poesia de Vinícius:

Filhos são o demo  
Melhor não tê-los  
Mas se não os temos  
Como sabê-los?  
Chupam gilete  
Bebem xampu  
Ateiam fogo  
No quarteirão  
Porém, que coisa  
Que coisa louca  
Que coisa linda  
Que os filhos são!

## Referências

- FLESTER, A. *A Psicanálise de crianças e o lugar dos pais*. 1 ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2012.
- LAPLANCHE, J. *Problemáticas V: A Tina: a transcendência da transferência*. São Paulo: Martins Fontes, 1993.
- LAPLANCHE, J. *Novos fundamentos para a psicanálise*. São Paulo: Martins Fontes, 1992.
- BLEICHMAR, S. *A fundação do inconsciente: destinos de pulsão, destinos do sujeito*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.
- BLEICHMAR, S. *Nas origens do sujeito psíquico: do mito à história*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1993.

Revisão gramatical de **Bruno dos Santos Konkewicz**

Revisão técnica de **Mariana Lütz Biazzi**

**Elisabeth Guarnier**

Rua Félix da Cunha, 737/711

90570-001 – Porto Alegre – RS

bethguarnier13@gmail.com

© Constructo Revista de Psicanálise